

# REALISMO DIPLOMÁTICO E REALPOLITIK: LIÇÕES DA UCRÂNIA MOLDAM POSIÇÃO DA ARMÊNIA EM RELAÇÃO À TURQUIA

Por A. Volkan Tevik\*



*O primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan, fala ao Parlamento do país em 13 de setembro de 2022 (Asatur Yesayants/ Sputnik).*

*Uma análise das recentes políticas e declarações do primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan, a partir de uma perspectiva geopolítica.*

**N**a complexa arena das relações internacionais, as experiências de uma nação são cuidadosamente monitoradas por outros países, moldando as estratégias e decisões de seus líderes. Isto também se aplica ao primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan. Em meio à intricada teia geopolítica, Pashinyan monitora de perto a complexa relação entre a Ucrânia e a Rússia. Quando as tensões entre estes estados vizinhos atingiram um ponto de ebulição, com os esforços do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky para combater a influência russa, Pashinyan tomou nota cuidadosamente.

No entanto, não foi apenas a retórica e o carisma que chamaram a atenção de Pashinyan, mas sim a retirada repentina do que foi considerado um apoio ilimitado e as duras realidades que se seguiram. Isto deixou a Ucrânia subitamente sozinha com seu poderoso vizinho. Na sequência deste drama geopolítico, Pashinyan tirou lições valiosas do destino da Ucrânia para moldar a delicada relação da Armênia com sua potência regional, a Turquia.

No cenário geopolítico, as promessas são muitas vezes feitas com grandes gestos e declarações retumbantes. Este é o caso da Ucrânia, país que se tornou alvo de rivalidade entre grandes potências, e do presidente ucraniano, Volodymyr

Zelensky, que se encontra no meio de tensões crescentes com a Rússia. Frente à agressão russa, os estados imperialistas prometeram ajuda simbólica, apoio militar e solidariedade infinita com a Ucrânia e seu líder em luta. No entanto, à medida em que o conflito se desenrolava e os riscos aumentavam, uma vez que aliados proeminentes foram ficando em segundo plano, suas promessas de apoio soaram vazias aos ouvidos das autoridades ucranianas.

À medida em que a Ucrânia foi abandonada por aqueles que outrora prometeram apoio inabalável, viu-se sozinha frente a uma ameaça existencial crescente, e a decepção foi ainda mais palpável. Esta traição deixou uma marca duradoura na cena internacional e tornou-se um alerta para países da região, como a Armênia. Enquanto observava o desmoronamento das alianças da Ucrânia, Nikol Pashinyan destacou os perigos de confiar demais nas promessas das potências imperialistas.

Antes de passarmos à grande mudança de Pashinyan nas políticas armênias, observemos a perspectiva histórica da questão. Caso contrário, uma mudança na política mais de 100 anos depois dos acontecimentos poderia ser explicada por dificuldades econômicas, imperativos geopolíticos ou mudanças nas relações de aliança. Mas a situação geopolítica antes dos acontecimentos e as palavras do líder político da Armênia moderna, que testemunhou os acontecimentos com seus próprios olhos, só podem basear-se em fatos. Permitamos, portanto, que a história dê seu testemunho em primeira mão.

A raça armênia é conhecida ao longo da história como um povo que habita várias partes da Anatólia, do Cáucaso e do Oriente Médio. Os armênios, herdeiros do Reino de Urartu nos tempos antigos, estabeleceram o Reino Armênio independente no século VI a.C. Em 301, tornou-se o primeiro estado do mundo a adotar o cristianismo como religião oficial. Na Idade Média, os armênios viviam sob o domínio bizantino, persa e árabe, e após a conquista seljúcida da Anatólia no século XI, os armênios viveram sob o patrocínio de vários principados e reinos. A partir do século XVI, eles ficaram sob o domínio do Império Otomano.

Durante o Império Otomano, os armênios eram uma das nações leais conhecidas como "*millet-i sadıka*" (a nação fiel), uma minoria cristã que geralmente vivia em várias partes do império. Os armênios desempenharam papéis importantes, especialmente nas áreas de comércio, artesanato e educação. No entanto, no final do século XIX, sob influência de movimentos nacionalistas, alguns grupos armênios exigiram independência. Durante este período, ocorreram tensões e rebeliões entre a administração otomana e alguns grupos armênios.

Antes da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano estava enfraquecido por problemas econômicos, movimentos nacionalistas e perdas territoriais. Embora desmoralizados após as Guerras dos Balcãs, os esforços de reforma e a busca por alianças continuaram. Enquanto lutava com estas dificuldades, o império entrou na guerra contra todas as objeções, ou mais precisamente, foi forçado a entrar na guerra pela Grã-Bretanha e pela Alemanha.

Durante os anos da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano enfrentou sérios desafios tanto nas frentes internas como externas. Em 1915, a invasão da Anatólia Oriental pelo Império Russo e os ataques a soldados e civis otomanos por parte de algumas gangues armênias que colaboraram com a ocupação russa causaram grande turbulência na região. Estes ataques levaram à organização civil e a atos de vingança entre a população muçulmana. O governo otomano tomou a decisão

de deportação (migração forçada), que visava retirar a população armênia das zonas de guerra, a fim de controlar a situação e garantir a segurança. As realidades da guerra, da pobreza, da fome e das doenças ao longo da rota que os armênios tiveram que seguir durante esta deportação foram as ameaças mais formidáveis. Durante a deportação, o império não foi capaz de fornecer assistência adequada e milhares de armênios perderam a vida devido à desnutrição, doenças e condições adversas. Entre os locais de deslocamento estavam as regiões desérticas da Síria. Este processo parece ter lançado as bases para traumas históricos nas relações turco-armênias.

Mas o que realmente aconteceu poderia ter sido manipulado pelos estados imperialistas, a fim de fomentar a inimizade entre os dois povos e preparar um ambiente favorável em que eles pudessem realizar suas próprias ambições? A seguir vamos buscar a resposta a esta pergunta.

Em abril de 1923, o relatório do Partido Dashnaktsutyun “Dashnaktsutyun não tem mais nada a fazer” foi apresentado à Conferência do Partido Dashnaktsutyun no Exterior em Bucareste sob a assinatura de Hovhannes Katchaznoui, o primeiro primeiro-ministro do governo armênio e líder do Partido Dashnaktsutyun. Em seu relatório, Katchaznoui discute a luta do Estado contra os ataques sistemáticos dos bandos armênios à população local e as migrações forçadas no Império Otomano em 1915, mas não utiliza o termo “genocídio” para descrever estes acontecimentos. Embora o relatório geralmente descreva os eventos em questão com termos como “catástrofe” ou “tragédia”, ele discute detalhadamente o que aconteceu durante esse período. Em vez do “genocídio armênio”, enfatiza as grandes perdas e sofrimentos dos armênios e os erros estratégicos do partido neste processo. Embora as consequências trágicas dos acontecimentos sejam enfatizadas neste relatório, no qual Katchaznoui é autocrítico e questiona as políticas do partido, é muito surpreendente que o termo “genocídio” não seja usado diretamente.

Uma edição em inglês desse livro foi publicada em 1955 em Nova York pelo Serviço de Informação Armênio (Serviço de Inteligência Armênio) sob o título “A Federação Revolucionária Armênia (Dashnaksoution) não tem mais nada para fazer”. No entanto, esta publicação em inglês não continha o relatório inteiro. O serviço de inteligência armênio removeu as partes que considerou questionáveis. Da mesma forma, os originais foram recolhidos de bibliotecas europeias pela diáspora armênia. Curiosamente, nessas bibliotecas o nome do livro aparecia nos catálogos, mas não havia vestígios nas estantes.

É apenas natural que este relatório histórico do primeiro primeiro-ministro armênio tenha sido proibido na Armênia e, mais tarde, sob a forma de livros publicados em várias línguas, tenha sido recolhido de bibliotecas europeias e se tornado uma publicação proibida na Armênia. Sabe-se também que as publicações foram recolhidas em bibliotecas europeias pelo Partido Dashnak. No entanto, a edição russa do livro que os Dashnaks se esqueceram de destruir foi encontrada na Biblioteca Lenin em Moscou e traduzida para o turco pelo dr. Arif Acaloğlu. Como sempre, a verdade encontrou um jeito de aparecer um dia!

Nos anos seguintes, o artigo em inglês do prof. dr. Türkkaya Ataöv apresentando este relatório foi publicado em traduções para francês, alemão e espanhol.

[Prof. Dr. Türkkaya Ataöv, *Uma fonte armênia: Hovhannes Katchaznoui; Une Source Armenienne: Hovhannes Katchaznoui; Eine armenische Quelle: Hovhannes Katchaznoui; Una Fuente Armenia: Hovhannes Katchaznoui*; Segunda impressão, Ancara, março de 1995]

Examinemos agora o conteúdo deste relatório. Em seu relatório, o então primeiro-ministro Katchaznoui diz: *“A ocupação britânica aumentou novamente as esperanças dos Dashnaks. Porque os britânicos tinham ocupado Istambul naquela altura e tinham estabelecido uma ‘ditadura Dashnak’ na Armênia. Estávamos incondicionalmente orientados para a Rússia. Sem qualquer justificativa, estávamos em um clima triunfal. Tínhamos certeza de que, em troca da nossa lealdade, do nosso trabalho e da nossa ajuda, o governo czarista nos concederia a independência da Armênia. No verão e no outono de 1915, os turcos submeteram os armênios a uma deportação forçada. Os turcos sabiam o que estavam fazendo e hoje não têm nada do que se arrepender. Nós participamos de operações militares. Fomos enganados e amarrados à Rússia. A deportação foi certa e necessária. Não conseguimos ver os fatos, fomos a causa dos acontecimentos. A luta nacional dos turcos foi justificada. Foi um grande erro recusar a paz e pegar em armas. Nossa rebelião se baseou no sonho de uma grande Armênia que nos foi prometida pelas potências da Entente. Foi como se nossa miopia fosse um heroísmo, porque todos os que quiseram, os franceses, os britânicos, os americanos, os georgianos, os bolcheviques, o mundo inteiro, facilmente nos enganaram, se esquivaram e nos traíram, enquanto estávamos ingenuamente convencidos de que esta guerra estava sendo travada pelos Armênios. Estávamos agora todos no campo das Potências Aliadas, inimigos dos Turcos, exigindo dos Turcos uma “Armênia de mar a mar”. Finalmente, há o fato de que, desde que existimos, temos lutado, matado e morrido com os turcos sem parar. Que confiança podemos inspirar agora nos turcos? Não procure culpa fora da liderança do Dashnak...”*

Vale ressaltar que o termo “genocídio” não aparece em nenhum lugar dessas palavras, que foram proferidas enquanto os acontecimentos ainda eram recentes. Porque é que Katchaznoui, o chefe dos armênios, escolheu cuidadosamente suas palavras e assumiu a maior parte da culpa, apesar de sentir todo o poder do imperialismo por trás dele no congresso, que ocorreu em um momento em que o novo Estado turco ainda estava na infância e fraco, e o nacionalismo armênio estava em ascensão? Esta é uma grande virtude, bem como a capacidade de olhar os acontecimentos de forma objetiva, apesar de todas as circunstâncias.

Neste ponto, eu gostaria de falar um pouco mais sobre Hovhannes Katchaznoui. Katchaznoui foi o primeiro primeiro-ministro do estado armênio estabelecido em julho de 1918. Ele liderou o governo Dashnak por 13 meses até agosto de 1919. Foi um dos fundadores e um importante líder do Partido Dashnaktsutyun. Ele era a autoridade máxima da Armênia e do Partido Dashnak. Ele nasceu em 1867 na região da Mesquita, na Geórgia. Depois de estudar arquitetura, trabalhou como arquiteto em Baku. Lá ele se juntou à organização Dashnak. Em 1917, tornou-se membro do Conselho Nacional Armênio. Até 1918, foi representante de Dashnak no parlamento do Cáucaso (Seym). Ele participou da delegação armênia durante as negociações de paz com os turcos em Trabzon e Batumi. Quando o estado do Cáucaso se desintegrou, ele se tornou o primeiro primeiro-ministro da Armênia independente em julho de 1918. Permaneceu nessa posição até agosto de 1919. Em 1920, após o estabelecimento do governo bolchevique na Armênia, ele foi

preso. Em 1921, durante a contrarrevolução contra o domínio bolchevique, ele fugiu do país após a supressão do levante. Anos mais tarde, regressou à Armênia Soviética e trabalhou como arquiteto até sua morte em 1938.

Passemos agora às declarações de Pashinyan que constituem a base de suas novas políticas. Em relação às políticas armênicas e às alegações de genocídio, Pashinyan disse o seguinte: “Nos tornamos vítimas de intrigas e falsas promessas. Esta tragédia em grande escala ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, e o povo armênio, que não tinha Estado, que tinha perdido o seu estado séculos atrás, e que tinha essencialmente se esquecido da tradição do Estado, tornou-se vítima de intrigas geopolíticas e falsas promessas, antes de mais nada porque lhes faltava uma mente política capaz de dar sentido ao mundo e às suas regras”.

Então, qual foi a principal ênfase de Pashinyan quando disse isso? Esclarecer as fronteiras da Armênia e prosseguir uma política externa realista, aceitando estas fronteiras, rejeitando os sonhos históricos da “Grande Armênia” e concentrando-se na proteção e no desenvolvimento das fronteiras existentes. Pashinyan também enfatizou que pôs fim aos sonhos da “Grande Armênia” e que tais sonhos não podem ser realizados. Embora afirme que o foco deveria estar nas fronteiras e territórios existentes da Armênia, ele argumenta que a Armênia criou um ambiente insuportável ao estabelecer relações hostis com seus vizinhos. Ao mesmo tempo em que afirma que a Armênia não pode ser inimiga de milhões de turcos e de outros países vizinhos, sublinha que a Armênia deve se concentrar na proteção e no desenvolvimento das suas fronteiras existentes. Em sua recente retórica, Pashinyan explica que as atuais fronteiras da Armênia são determinadas por mapas da União Soviética. Esta declaração significa que as fronteiras da Armênia foram esclarecidas e as disputadas reivindicações territoriais terminaram. Além disso, o primeiro-ministro argumenta que este esclarecimento colocará fim às relações hostis da Armênia com seus vizinhos e criará um ambiente mais pacífico. Por outro lado, Pashinyan, tal como Katchaznuni, argumenta que os acontecimentos de 1915 deveriam ser caracterizados como uma “grande catástrofe” e que as alegações de genocídio deveriam ser postas de lado, afirmando que o Império Otomano não cometeu genocídio contra os Armênios e que esta afirmação foi utilizada pela União Soviética como ferramenta política contra a Turquia e, além disso, foi apresentada pela União Soviética para fazer avançar suas políticas contra a Turquia. Esta abordagem visa melhorar as relações modernas da Armênia e acabar com os conflitos ideológicos baseados nos acontecimentos de 1915. Afirmando que o enquadramento ideológico dos acontecimentos de 1915 é prejudicial ao desenvolvimento moderno da Armênia e que esta questão deve ser remetida para a história, Pashinyan também enfatiza que a Armênia deve se abrir ao Ocidente e construir boas relações com a Turquia para intensificar seus esforços para garantir a paz e a estabilidade regionais. Pashinyan visa assim a independência da Armênia e capacidade de tomar suas próprias decisões, livrando-se da influência da diáspora. Neste contexto, afirma também que a Armênia tomou novas medidas no sentido de resolver suas relações e disputas fronteiriças com o Azerbaijão.

Vamos analisar a questão com mais detalhes. Pashinyan, como um político inteligente e bem-sucedido que se preocupa com o futuro do seu povo, viu o jogo ser jogado desde cedo e encontrou o futuro do seu povo na manutenção de boas relações com a Turquia e o Azerbaijão, ao invés de se lançar na dianteira da linha

de frente, caindo nas mentiras fantasiosas dos “organizadores” para não cair na mesma situação, o que já significa uma política em linha com os apelos da Turquia há muitos anos.

As declarações ousadas e revolucionárias de Pashinyan revelam a necessidade de construir um novo paradigma de relações para o futuro da Armênia. Desafiando a Rússia e tentando definir uma nova direção na geopolítica do Cáucaso, Pashinyan expressa em voz alta as verdades que seu povo dificilmente aceitará e pretende apoiá-las.

Esses acontecimentos são muito parecidos com o que Zelensky tem enfrentado, certo? A diferença, claro, é que para Zelensky, o fim parece estar à vista.

Como resultado, pela primeira vez na história, Pashinyan parece ter feito um esforço para definir as fronteiras da Armênia, para pôr fim aos sonhos de uma “Grande Armênia” e para aliviar as tensões com declarações radicais e ousadas sobre as alegações de genocídio de 1915. A realidade é que estas declarações dão a oportunidade de elaborar seu possível impacto positivo no futuro da Armênia e seus esforços para se abrir ao Ocidente.

As políticas e declarações revolucionárias do primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan, que incluem mudanças significativas para o futuro da Armênia, refletem os esforços do país para esclarecer suas fronteiras, que foram disputadas no passado, e as medidas concretas tomadas a este respeito, traçando um novo roteiro para o futuro da Armênia.

A Turquia está se esforçando por transformar suas relações com a Armênia, de um ambiente de hostilidade e turbulência para um eixo de amizade, parceria e comércio, de acordo com as realidades geopolíticas do século XXI. Isto parece inevitável dados os ganhos que a geografia regional obterá no longo prazo. Em linha com as políticas da Turquia e dos países vizinhos, o primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan, parece ver o desenvolvimento regional comum no quadro da amizade. Infelizmente, esta situação não parece ser do agrado dos estados imperialistas que tentam criar o caos entre os estados regionais.

Quem sabe poderá haver mais assassinatos políticos na região em tempos próximos.

---

*\*A. Volkan Tevik nasceu na Alemanha, filho de imigrantes turcos. Ainda na infância a sua família mudou-se para a Turquia, onde ele se graduou em Engenharia Mecânica na Universidade Técnica de Yildiz e se especializou em Administração de Empresas, Comércio Exterior e Gestão de Marketing. Tevik é fluente em turco, inglês e alemão, o que o levou sua carreira a girar em torno de projetos ligados à indústria automotiva alemã. A formação em engenharia, aliada à experiência em administração de empresas e comércio internacional, o impulsionaram para funções gerenciais, fortalecendo sua base em gestão estratégica e estratégias de negócios. Na aposentadoria, atua como consultor de empresas e escreve artigos em seu blog. Suas experiências formaram suas perspectivas sobre a geopolítica do Oriente Médio e as civilizações turco-islâmicas, assuntos pelos quais seu interesse vai além da curiosidade pessoal.*

---